

68: invenções e resistências¹

edson passetti & gustavo simões

prólogo

Corifeus

Gus:

“Todos nós estamos na sarjeta, mas alguns de nós olham para as estrelas’. Oscar Wilde.

Lili:

E quem olha se fode. Lori Lamby.”²

Flávia:

“A rebelião da juventude é um fenômeno mundial como nunca se viu na história. Não acredito que eles irão acalmar-se e se tornar executivos aos 30 anos, como o establishment gostaria que acreditássemos. Milhões de jovens do mundo inteiro estão cansados de autoridades vazias e indignas, que governam com base numa plataforma de merda.”³

Lili:

“VOCÊ AINDA É
O INIMIGO, você está se vendendo
barato, lembre-se

Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Contato: passetti@matrix.com.br. Gustavo Simões é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e integrante do Nu-Sol. Contato: gusfimoes@gmail.com.

“você pode ter o que pede, peça tudo.”⁴

Vitor:

“Jean Genet, que tem considerável experiência com a polícia, diz que nunca viu expressões tais em rostos supostamente humanos. E o que estão os policiais fantasmas a gritar, de Chicago a Berlim, da Cidade do México a Paris? ‘Somos REAIS, REAIS, REAIS!!!, como este CASSETETE!’ Enquanto sentem, da sua maneira animal, obscura, que a realidade lhes escapa.”⁵

Gus:

Descobri “que sem paixão não se faz a revolução de nossos sonhos, como há tempos descobri que sem tesão não há solução para a nossa vida. (...) Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho vontade de fazer a revolução.

Bia:

Quanto mais eu faço a revolução, mais eu quero fazer amor.”⁶

Lili:

“Não há quando. Só aqui. Não há ofensa. Só desacATO. Ato que afirma no ESPAÇO. Paço-lugar. Passo-substantivo. Passo-verbo. Passo do quando para onde. COM-POSIÇÃO exuberante. De que lado está o avesso? Bobagem... A paixão é superlativa.”⁷

Cena 1: memórias.

Bia:

“Até no colégio de freiras, onde cursei o Ginásio, a movimentação 68 respingava no mural de notícias; em relatos de estudantes universitários, parentes de colegas, ou de uma ou outra professora jovem, que ao trazer novas ideias, tinha permanência curta na escola.

Flávia:

Assim como as ruas ocupadas por estudantes, a universidade aparecia como um local pulsante de debate e ação efetiva, um espaço de liberdade e de liberação.

Lili:

Para mim, o mundo estava lá fora, estava fora dos muros da escola e da família. (...) Em 1968, as revoltas contaminavam o mundo todo.

Bia:

Pela imprensa acompanhei manifestações de rua pelas cidades mais diversas; jovens largando empregos e dizendo não à guerra; *scholars* abandonando as cátedras bem postas e caindo na vida; desertores do Vietnã em fuga; anticonsumismo; contracultura; antipsiquiatria; revoltas contra as prisões; a busca de uma vida autêntica

Lili:

- as palavras 'espontâneo' e 'autêntico' nomeavam as atitudes valorizadas do dia a dia.

Bia:

Eu seguia as notícias sobre Daniel Cohn Bendit e o maio francês; os estudantes no México; as passeatas brasileiras de protesto contra o arrocho salarial, contra a falta de vagas nas universidades estatais, contra a ditadura, a morte do estudante no Rio, a briga UNE x CCC – Comando de Caça aos Comunistas, na rua Maria Antônia”. (...) [Eu acompanhei a repercussão do Congresso da União Nacional dos Estudantes em outubro, no sítio em Ibiúna/SP, quando mais de 700 estudantes foram presos].

Flávia:

A coragem de “dizer não” se propagou como fogo e vento. Não às ditaduras com ou sem palavras de ordem, não ao Vietnã, não aos pais, não à burocracia de Estado, ao ensino, ao Exército, aos empregos, à repressão sexual, às instituições, aos estados ordinários de consciência, não às hierar-

quias, não ao não. A coragem de fazer sexo, fazer grupos atuantes, fazer protestos, ocupações na rua, arte, invenções, fazer experiências, a coragem do fazer sim. (...)

Lili:

Em 1968 eu tive a certeza de que o mundo, daquele momento em diante, se manteria incrível, libertário, autêntico, diferente da minha vidinha besta de família-colégio[;] (...) parecia que as instituições conservadoras estavam sendo demolidas para sempre e sem possibilidade de retorno, e [condutas] autoritárias e burocráticas desapareceriam de tão desprezadas!

Bia:

Havia o espectro de uma guerra total e o fim do planeta. Tudo ou nada! (...) Acompanhei os acontecimentos do AI-5 pela rádio BBC e Rádio Cuba no dia 13 de dezembro.

Flávia:

As prisões e perseguições pelo Brasil eram alardeadas no exterior enquanto que por aqui... Eu estava sozinha, sintonizando estações de rádio. Tive a impressão que algo terrível ocorreria.

Lili:

Que aquele mundo amplo e livre que mal dera as caras se fôra para sempre.”⁸

Cena 2: estudantes no Brasil.

Vitor:

“Em março, a cidade [do Rio de Janeiro] se movera com a morte do estudante Edson Luis Lima Souto no restaurante Calabouço, e o cortejo fúnebre agrupou mais de 50.000 pessoas silenciosas, tristes e com sangue iracundo pulsando até o cemitério São João Baptista.

Gus:

O protesto pelas ruas do Rio repercutiu em proibição às manifestações pelos governantes, anunciando o procedimento repressivo que se tornaria padrão, sobretudo, após a promulgação do AI-5, no final do ano.

Vitor:

Então, nada como comemorar os quatro anos da ditadura civil-militar [que à época era chamada apenas de ditadura militar] com uma manifestação estrondosa em 1º de abril, paralisando a cidade, danificando viaturas, apedrejando lojas e bancos.

Gus:

O governo ficou apavorado e em junho temia um maio de 68. (...) No Rio de Janeiro, novos confrontos ocorrem, na sexta-feira sangrenta: 'os fugitivos tentam refugiar-se nos prédios, mas duas viaturas do DOPS surgem jogando mais bombas. Um helicóptero sobrevoa o local. Sirenes anunciam que estão chegando reforços. É um pandemônio. Policiais gritam: 'vamos atirar para matar!'.

Vitor:

Em seguida, três moças caem feridas. (...) Maria Ângela Ribeiro, ferida na frente, é levada com vida para o QG da PM, onde morre em seguida.

Bia:

É hora do almoço, e a reação popular vai começar. Alguém joga pedaços de gelo de um edifício, tentando acertar a polícia. Foi como um sinal. Uma chuva de objetos passa a cair em lugar do gelo."⁹

Flávia:

Foi na quinta-feira que os policiais prenderam, molestaram e feriram cerca de 400 estudantes no estádio do Botafogo F.R. As fotos circularam e nelas se viam "soldados urinando sobre corpos indefesos ou passeando o cassetete entre as pernas das moças, junto às imagens de jovens de mãos

na cabeça, ajoelhados ou deitados de braços com o rosto na grama, eram uma alegoria da profanação."¹⁰

Lili:

"Em resposta às violências das forças armadas e da polícia militar, no 26 de junho, (...) cerca de cem mil pessoas saíram as ruas do Rio de Janeiro, em manifestação que ficou conhecida como Passeata dos cem mil.(...)"

Gus:

Naquele ano rondava o imprevisível. Em 18 de junho, em Bogotá, no estádio El Campin, jogavam Seleção da Colômbia e Santos Futebol Clube. O árbitro da partida era Guillermo Vellásquez que, ao final do primeiro tempo, expulsou Pelé. A imensa torcida presente ao estádio queria ver Pelé, rei-deus negro, e o timaço do Santos F.C. jogar contra sua seleção. Convulsão geral durante o intervalo. Ao reiniciar o jogo, Pelé estava em campo. O juiz foi substituído pelo bandeirinha, e o Santos venceu por 4 a 2. A torcida colombiana queria apreciar a arte e não se sujeitar à onisciência de um juiz!"¹¹

Cena 3: o senhor tem fogo? e o levante 22 de Março em Nanterre, França.

Salete-repórter de rádio:

"Começou com sexo, já em janeiro, quando a França ainda estava entediada [segundo famoso editorial do *Le Monde*]. Os estudantes da Universidade de Nanterre, um campus excepcionalmente feio, com um prédio de concreto de quatro anos de existência, onde 11 mil estudantes estavam entulhados na beira de Paris, levantaram a questão dos dormitórios mistos, e o governo os ignorou.

Vitor-estudante:

Você tem fogo (para acender o cigarro)? Senhor ministro, li seu informe sobre a juventude. Em 300 páginas, não há uma só palavra sobre as questões sexuais da juventude.

Bia-Ministro:

Estou aqui para promover programas esportivos, coisa que vocês aproveitariam muito mais do que desperdiçar o tempo com baderna.

Vitor-estudante:

Nas 300 páginas, não há uma só palavra sobre as questões sexuais da juventude.

Bia-Ministro:

Não é de admirar, com um rosto como o seu, que tenha esses problemas: sugiro que dê um mergulho no lago.

Vitor-estudante:

Aí está uma resposta digna do ministro da Juventude de Hitler.”¹²

Gus-estudante:

“Os operários e os estudantes nunca estiveram juntos... Eram dois movimentos autônomos. Os operários queriam uma reforma radical das fábricas — salários etc. Os estudantes queriam uma mudança radical de vida.”¹³

Flávia-estudante:

“Na Universidade de Nanterre-Paris X, o movimento social de 22 de Março emerge e age, coletivamente (...) conjugando a sua luta subversiva na defesa da libertação de um estudante que havia sido preso pela polícia ao manifestar-se contra a Guerra do Vietnã.

Lili-estudante:

Cerca de 700 estudantes convocam uma Assembleia Geral para debater e decidir sobre os assuntos que eram objetos de litígio. (...) A espontaneidade e a informalidade, assim como a auto-organização e a democracia direta (...) [coordenam] a sua ação coletiva contra a burocracia das universidades e a repressão policial. A luta contra o Estado e o capitalismo estava na ordem do dia, (...) [prescindindo

de] chefes, partidos, sindicatos ou burocratas de quaisquer espécie.

Gus-estudante:

Os 140 a 150 estudantes que iniciaram o movimento social 22 de Março, apesar [dos] (...) maoístas e trotskistas, na sua grande maioria eram libertários. (...)

Lili-estudante:

No dia 2 de maio (...) foi realizada mais uma ‘jornada anti-imperialista’ [quando] os estudantes reclamaram locais para exibirem os seus filmes e para debaterem assuntos do seu interesse. Esta exigência impossibilitou um professor de dar o seu curso, razão suficiente para que o Ministro do Interior, Alain Peyrefitte, tenha suspenso todos os cursos (...) [em] Nanterre.

Flávia-estudante:

Em função desta suspensão, o movimento social 22 de Março, em 3 de maio (...) sai dos limites da Universidade de Nanterre-Paris X, e reconfigura-se (...) na Universidade de Sorbonne-Paris I (...) ocupada na sua plenitude. (...) O reitor da academia de Paris acion[ou] a intervenção da polícia para expulsar os estudantes que ocuparam a Sorbonne. (...) Aproximadamente 300 estudantes [foram] aprisionados e levados para as masmorras dos carros dos polícias.

Lili-estudante:

[A] atmosfera de revolta de milhares de estudantes [se estendeu] ao Bairro Latino (Quartier Latin). (...) [As barricadas] contra a polícia já não [eram só de] libertários e situacionistas, mas também [de] esquerdistas de diferentes ideologias, jovens proletários marginalizados e desempregados, assim como jovens desclassificados socialmente pela sociedade vigente”¹⁴, os chamados *enragés*.

Gus-estudante:

“Com o início da greve geral em 13 de maio (...) envolvendo 10 milhões de trabalhadores assalariados em todo

o território francês, (...) [o reformismo] das massas trabalhadoras e dos respectivos sindicatos [entram] na ordem do dia em detrimento (...) [das afirmações] libertárias da revolução social.

Bia-estudante:

Os acordos de Grenelle, assinados em 27 de maio (...), envolveram cinco centrais sindicais, as associações patronais e o governo francês (...) atomizou qualquer veledade revolucionária. (...)

Gus-estudante:

[A] pacificação das relações entre as massas trabalhadoras, o Estado e o capital, a normalização da vida cotidiana tornou-se um fato nas empresas, nas instituições e organizações do Estado, ao ponto das greves perderem o seu impacto e se tornarem irrelevantes, ao mesmo tempo em que as manifestações dos estudantes foram perdendo (...) sua força (...) nos primeiros dias de junho de 1968¹⁵, na França.

Cena 4: Checoslováquia.

Edson-repórter de rádio:

“O povo da Checoslováquia só foi informado de que seu mundo estava prestes a mudar na sexta-feira, 5 de janeiro, quando a Rádio Praga anunciou a ‘renúncia’ de [Antonín Josef] Novotný como primeiro-secretário e a eleição de Dubček. Os checos não tinham percebido que Novotný estava com problemas e a maioria deles não tinha ideia nenhuma de quem era esse Dubček. Numa sociedade fechada, os políticos mais bem-sucedidos operam fora do olhar público.”¹⁶

Salete-repórter de rádio:

Palavras de Aleksander Dubček, em 1986: “O povo estava insatisfeito com a liderança partidária. Não podíamos mudar o povo, então mudamos os líderes.”¹⁷

Edson-repórter de rádio:

“A Checoslováquia é o único país que se tornou comunista por meio de votação democrática.

Salete-repórter de rádio:

Apesar da promessa de que os pequenos negócios não seriam estatizados, em 1948 os comunistas dominavam o país e estatizavam todas as empresas e transformavam as fazendas em propriedades estatais.”¹⁸

Edson-repórter de rádio:

Em 1967, houve uma “manifestação dos estudantes em Praga, por uma questão aparentemente banal, a calefação e a iluminação. (...) Foram de madrugada carregando velas, mas no caminho se depararam com a polícia que deixou cerca de 50 hospitalizados. A imprensa falou apenas de ‘arruaceiros’ que atacaram os policiais.

Salete-repórter de rádio:

Mas o espancamento criou um movimento ainda mais amplo. Os estudantes pareciam-se com estudantes de Berlim, Roma ou Berkeley. É verdade que eram vigiados pela polícia secreta, mas o mesmo acontecia com os manifestantes americanos[,] da Europa ocidental [e do Brasil].”¹⁹

Edson-repórter de rádio:

“Mesmo após Dresden, quando Dubček percebeu pela primeira vez quanto perturbava o bloco soviético, ele foi incapaz de controlar a imprensa. A liberdade para sua imprensa, bem como o acesso à mídia ocidental, eram, para o povo checoslovaco, coisas de importância fundamental. (...)

Salete-repórter de rádio:

A Checoslováquia não podia viver mais isolada. De repente, Praga foi observada, comentada, até vista na televisão em muitas terras, e o que os checos e os eslovacos faziam, no início de 1968, provocou ondas de choque por todo o mundo comunista e chamou a atenção dos jovens no Ocidente inteiro.

Edson-repórter de rádio:

De repente, um estudante de Praga, que jamais vira o resto do mundo, barbudo e usando um jeans (...) sentia-se parte de um movimento libertador mundial da juventude.”²⁰

Salete-repórter de rádio:

“No dia 20 de agosto, às 11 da noite, hora da Europa central, o ar noturno do verão encheu-se de repente de som, a terra estrondeou — a invasão com o codinome Danúbio tinha começado. Não era uma filmagem. Aquela noite, 4.600 tanques e 165.000 soldados do Pacto de Varsóvia invadiram a Checoslováquia através de 20 cruzamentos[.]

Edson-repórter de rádio:

Cinco países participaram da invasão, inclusive forças simbólicas da Hungria e Bulgária. A Alemanha Oriental e a Polônia enviaram uma divisão cada uma; os soviéticos enviaram 13 divisões. Em sete horas, 250 aviões levaram uma divisão aerotransportada inteira, inclusive pequenos veículos blindados, combustível e abastecimentos. A operação foi a maior ponte aérea já realizada pelos militares soviéticos fora de suas fronteiras.

Salete-repórter de rádio:

Defrontada por uma multidão irada, a coluna soviética abriu fogo com metralhadoras e um rapaz foi morto a tiro, enquanto Dubček e os outros líderes (...) observavam da janela. (...)

Edson-repórter de rádio:

Pelo que se sabe, nem um só guarda de fronteira disparou um tiro ou de alguma maneira tentou impedir a passagem das colunas blindadas. Tampouco houve um esforço [de] parar as tropas e o equipamento que chegavam aos aeroportos checoslovacos. Mas no final do primeiro dia, 23 checoslovacos estavam mortos.”²¹

Salete-repórter de rádio:

“Os checos começaram a falar russo com as tripulações dos tanques,

Vitor:

(...) porque [vocês estão aqui], porque não [vão] embora?

Edson-repórter de rádio:

Os jovens tripulantes dos tanques ficaram perturbados e, desobedecendo às ordens, abriram fogo por cima das cabeças da multidão e, depois, diretamente contra os checos. Em vez de fugir, os checos [jogaram] coquetéis Molotov nos tanques, enquanto as pessoas em torno deles caíam mortas ou feridas.

Salete-repórter de rádio:

Alguns tanques pegaram fogo, produzindo uma fumaça negra, e alguns dos seus tripulantes ficaram feridos. Alguns até talvez tenham morrido. Mas um imenso tanque T-55 movimentou-se para uma posição de fogo e a Rádio Praga transmitiu a mensagem:

Edson-repórter de rádio:

‘Tristes irmãos, quando ouvirem o hino nacional saberão que terminou.’

Flávia:

Então, as primeiras notas do hino nacional foram ouvidas, quando o tanque abriu fogo e a Rádio Praga silenciou.

Gus:

Em Bratislava, moças de minissaia aproximavam-se deles e, quando os rapazes russos do campo, que tripulavam os tanques, paravam para admirar suas coxas jovens, garotos chegavam correndo e espatifavam seus faróis dianteiros com pedras e até conseguiam incendiar alguns tambores de gasolina.”²²

Flávia:

“As Nações Unidas condenaram de fato a ação soviética, mas os soviéticos simplesmente usaram seu veto para anular a condenação.”²³

Cena 5: Reportagem, Guerra do Vietnã

Lili:

A guerra do Vietnã foi um tema desencadeador do movimento 68 em vários países.

Flávia:

“Os manifestantes exortam os soldados americanos a desertarem, o que eles já estavam fazendo, com solicitações de asilo à Suécia, França e Canadá. Em fevereiro, o Programa Anti-recrutamento de Toronto enviou para os Estados Unidos cinco mil cópias de sua brochura de 132 páginas, o *Manual para imigrantes para o Canadá em idade de recrutamento*. Além das informações legais, [havia] um capítulo intitulado ‘Sim, John, existe um Canadá’. Em março, até o movimento estudantil relativamente moderado da Cidade do México realizou uma manifestação contra a Guerra do Vietnã.”²⁴

Vitor:

“Os estudantes japoneses protestam violentamente contra a presença em seu solo da máquina militar americana engajada na guerra do Vietnã. Essa geração (...) era veementemente antimilitarista. A organização estudantil Zengakuren (...) [reuniu] milhares de manifestantes para impedir um porta-aviões americano, em serviço no Vietnã, de atracar num porto japonês. A Zengakuren também protesta, algumas vezes de forma violenta, contra questões locais, como o confisco de terras de lavradores para construir um aeroporto internacional em Narita, a 50 quilômetros a leste de Tóquio. O governo japonês estuda a aprovação de leis de segurança repressivas para controlar a Zengakuren.”²⁵

Lili:

“No Reino Unido, os estudantes iniciaram manifestações contra a guerra americana no Vietnã e passaram para questões locais, como a quantidade das bolsas governamentais para a educação e o controle das universidades.”²⁶

Cena 6. Napalm, o *black power* e Muhammad Ali

Bia:

Estados Unidos da América: o napalm foi criado pela Down Chemical.

Gus:

“Inicialmente o nome *napalm* foi dado a um engrossador que podia ser misturado com gasolina e outros materiais incendiários. No Vietnã, a mistura em si foi chamada de napalm. O engrossador transforma a chama numa substância semelhante à geleia, que pode ser disparada, sob pressão, até uma distância considerável. Ardendo com intenso calor, ela se gruda ao alvo, seja este vegetal ou humano”²⁷.

Vitor:

Os Panteras Negras lutavam nos guetos contra o que chamavam os ‘dois i’, o de ignorância e o da inércia. Gritavam para os brancos: ‘Nunca mais lamberemos vosso cu!’ (We won’t kiss asses anymore!). Recusavam os livros de história tradicionais, porque eles passavam a visão escravista para as crianças negras. Eram contrários à guerra do Vietnã, afirmavam que a luta deles era na própria América.”²⁸ O boxeador Cassius Clay, agora com o nome de Muhammad Ali, recusou o recrutamento e a mídia.

Gus:

“A ideia de um boicote negro às Olimpíadas surgiu pela primeira vez numa reunião (...) do *Black Power* em Newark, após os tumultos daquela cidade, no verão de 1967.”²⁹

Bia:

“Os Estados Unidos, como previsto, reuniram uma das melhores equipes de atletismo de toda a história. (...) Tommie Smith e John Carlos, ao receberem medalhas de ouro e bronze pelos 200 metros rasos, foram à cerimônia de entrega das medalhas descalços, usando longas meias pretas. Quando tocou o hino nacional americano, cada um deles levantou uma mão enluvada de negro, com o punho fechado, simbo-

lizando o [*Black Power*] (...). Pareceu um gesto espontâneo mas, na tradição política de 1968, o ato foi, na verdade, resultado de uma série de encontros entre os atletas.”³⁰

Lili:

Quando “George Foreman ganhou a medalha de ouro dos pesos pesados em 1968, derrotando o campeão soviético Ionas Chepulis, ele tirou de algum lugar uma minúscula bandeira americana. (...) Começou a acená-la em torno de sua cabeça. Nixon gostou do desempenho e fez uma comparação, favorável a ele, com aqueles outros jovens americanos contrários à guerra, que estavam sempre criticando os Estados Unidos.

Salete-repórter de rádio:

(...) Mas para muitos fãs do boxe, principalmente os negros, aquilo pareceu um momento do gênero ‘Pai Tomás’ e, quando Foreman tornou-se profissional, alguns começaram a se referir a ele como A Grande Esperança Branca, sobretudo quando enfrentou (...) Muhammad Ali, que o derrubou e derrotou no Zaire, onde toda a África negra e grande parte do mundo aplaudiu a vitória de Ali.”³¹

Edson-repórter de rádio:

“Durante um jantar de comentaristas de boxe, Ali gritou (...):

Vitor-Ali:

‘Vou dar uma surra nessa bunda cristã, sua puta branca de bandeirinha’.

Edson-repórter de rádio:

Engalfinharam-se no palco e Ali agarrou a camisa de Foreman, deixou-o de smoking mas sem camisa.”³²

Cena 7: Pastoral americana e seu reverso

Lili:

“A obediência está contida na ideia de baixar os riscos. Uma esposa linda. Uma casa linda. Cuida dos negócios

como um brinco. Lida com o seu quinhão de pai com muita competência. Estava, de fato, levando a vida que pediu a Deus, a sua versão do paraíso. É assim que vivem os bem-sucedidos. São bons cidadãos. Sentem-se afortunados. Sentem-se gratos. Deus está sorrindo lá de cima para eles. Existem problemas, eles dão um jeito. E de repente tudo muda e fica impossível. Nada está sorrindo lá de cima para ninguém. E quem é que pode dar um jeito nisso? Ali estava alguém despreparado para o caso de a vida ser infeliz, muito menos para o impossível. Mas quem é que está preparado para o impossível que vai acontecer? Quem é que está preparado para a tragédia e para o absurdo do sofrimento? Ninguém. A tragédia do homem despreparado para a tragédia — esta é a tragédia do homem comum.”³³

Gus:

“Penso nos anos 60 e na desordem provocada pela Guerra do Vietnã, penso em como certas famílias perderam seus filhos e outras não, e penso em como os Seymour Levov foram uma dessas famílias que perderam um filho — famílias cheias de tolerância e de uma boa vontade liberal e bem-intencionada, e foram deles os filhos que partiram para a violência, ou acabaram na cadeia, ou desaparecem nos subterrâneos, ou fugiram para a Suécia ou para o Canadá.”³⁴

Flávia:

“A obra de [David Henry] Thoreau, suas lutas, suas experimentações em Walden, numa fusão com a natureza, acabaram reconhecidas pela universidade em 1960, mas também passaram a servir de guia a muitos jovens insatisfeitos com a guerra do Vietnã, com a vida urbana e voltados para a necessidade de defender o planeta das armas nucleares, das poluições industriais, do desenvolvimento e do progresso, com as superabundâncias localizadas e a miséria generalizada. Desobedecer!

Lili:

Isso acendeu as brasas dormidas dos jovens estadunidenses, dentro e fora das universidades. Era preciso revolver os

costumes, redimensionar o apequenar que sufocava. Nada de ir para a guerra, de ser partidário, sindicalizado, crer nos partidos, na pátria, na bandeira, aceitar o racismo, o puritanismo, as encenações democráticas, ou seja, tudo que formou o estilo de vida liberal do estadunidense. Perigo,

Bia:

ou como dissera Guimarães Rosa: ‘viver é muito perigoso! Carece é ter coragem!’. As sugestões e as experimentações estéticas derivadas da existência de Thoreau moveram os jovens, que não viam a juventude como fase que passa ou quando as inquietações estão presentes e em busca de ajustes.”³⁵

Cena 8: México

Edson-repórter de rádio:

As interrupções de eventos foram cada vez mais acentuadas. “Os manifestantes tinham fechado a Bienal de Arte de Veneza e o Festival de Cinema de Cannes, atacado a Feira do Livro de Frankfurt e até atrapalhado o concurso de Miss América. (...) Nada do gênero deveria acontecer no México.”³⁶

Salete-repórter de rádio:

“A Olimpíada de 1968 era a primeira vez em que a Revolução Mexicana deveria mostrar-se ao mundo, com todas as suas realizações, inclusive uma nascente classe média, a modernidade da Cidade do México e a eficiência com a qual o [país] podia administrar um imenso evento internacional. O mundo veria [ao vivo] pela televisão que o México não era mais atrasado e despedaçado pelos conflitos, mas se tornara um país moderno, emergente e bem-sucedido.”³⁷

Vitor:

“Porém, em 1968, ao se aproximar a Olimpíada, havia apenas um grupo que o PRI [Partido Revolucionário Institucional] não tinha sob seu controle e este era o dos estu-

dantes[. C]omo força política eram um conceito novo no México. (...)

Gus:

E com uma classe média crescente, o México tinha mais estudantes do que jamais tivera, muitos dos quais apinhados na Universidade Nacional Autônoma do México, Unam, e no Instituto Politécnico Nacional, em vastos e espalhados novos *campi*, nas partes mais novas de uma capital que engolia muitos quilômetros de área nova a cada ano.”³⁸

Salete-repórter de rádio:

Em 22 de julho, “irrompeu uma briga entre duas escolas secundárias rivais. Ninguém tem certeza quanto ao que provocou a briga. Os dois grupos brigavam constantemente. Duas gangues locais, os ‘Aranhas’ e os ‘Ciudadelenses’, talvez estivessem envolvidas. A briga se espalhou para a Plaza de la Ciudadela, um importante centro comercial da cidade.

Edson-repórter de rádio:

No dia seguinte, os estudantes foram atacados pelas duas gangues, mas não reagiram. A polícia e unidades militares especiais, antimotins, ficaram à parte, observando, mas depois começaram a provocar os estudantes e atiraram bombas de gás lacrimogêneo. Quando os estudantes se retiraram para suas escolas, os militares os perseguiram pelo bairro, espancando-os.

Salete-repórter de rádio:

A violência durou três horas e 20 estudantes foram presos. Vários estudantes e professores foram espancados (...).

Vitor:

De repente, o movimento estudantil tinha uma causa que sensibilizava o público mexicano: a brutalidade do governo. O próximo passo foi dado três dias depois. Um grupo de estudantes decidiu marchar pedindo a libertação dos estudantes presos e protestando contra a violência. (...) Ao

contrário das outras manifestações, essa atraiu mais do que uns poucos estudantes. (...)

Gus:

Aconteceu que o dia dessa manifestação foi 26 de julho e no centro da cidade a marcha estudantil acabou encontrando a marcha anual de um punhado de partidários de Fidel. Combinada, essa marcha de 26 de julho foi a maior que o governo mexicano já vira. O exército afastou-os e os dirigiu para ruas laterais, onde alguns manifestantes jogaram pedras nos soldados.

Bia:

Os manifestantes que jogavam as pedras não pareceram familiares aos estudantes. E estes descobriram as pedras em latas de lixo, o que era curioso, porque não era habitual as latas de lixo do centro da cidade do México conterem pedras.

Vitor:

Dias de combates se seguiram. Ônibus foram tomados, os passageiros forçados a descer e os veículos batidos contra muros e incendiados.

Bia:

Os estudantes declararam que esses e outros atos de violência foram executados por militares disfarçados, para justificar a brutal reação do exército, uma acusação que foi amplamente confirmada em documentos divulgados em 1999.”³⁹

Gus:

“Em setembro, o pesadelo de Díaz Ordaz tornou-se realidade. Um estudante [de arquitetura] francês do movimento de maio em Paris chegou ao México. (...) Jean-Claude Leveque fora treinado por estudantes de Belas Artes, durante o levante estudantil francês, a fazer cartazes em *silkscreen* (serigrafia). A Cidade do México ficou coberta de

imagens impressas em papel barato mexicano [debochando de autoridades e da imprensa local]. (...)

Vitor:

Mas o México era diferente da França. No México, vários estudantes foram abatidos a tiros, enquanto tentavam colocar cartazes ou escrever grafites nas paredes.⁷⁴⁰

Salete-repórter de rádio:

“As manifestações continuaram. Em 18 de setembro, às dez e meia da noite, o exército cercou o *campus* da Unam, com soldados e veículos blindados e, usando a manobra de atacar pelos dois flancos, cercaram e evacuaram prédios, arrebanhando estudantes e professores e ordenando-lhes que ficassem de pé, com as mãos para o alto, ou que se deitassem no chão, no lugar onde estavam.

Edson-repórter de rádio:

Foram mantidos sob a mira de armas, de baionetas, em muitos casos, enquanto o exército continuava com seu cerco ao *campus* inteiro, prédio por prédio. Não se sabe quantos membros do corpo docente e estudantes foram presos, alguns para serem soltos no dia seguinte. Acredita-se que mais de mil foram mantidos na prisão.

Salete-repórter de rádio:

Em 23 de setembro, na Escola Politécnica, a polícia fez uma invasão e os estudantes devolveram o ataque usando paus. Então, chegou o exército — o Exército do Povo de Obregón — e (...) os militares dispararam suas armas contra os estudantes. (...) [Noticiaram] que houve 40 feridos, (...) trocas de tiros e a morte de um policial, embora não haja nenhuma evidência de que os estudantes, algum dia, tivessem tido quaisquer armas de fogo.

Edson-repórter de rádio:

‘Vigilantes’ não identificados, provavelmente soldados sem uniforme, começaram a atacar escolas e a atirar nos estudantes.

Saete-repórter de rádio:

A violência aumentava. Finalmente, em 2 de outubro, o governo e o Conselho Nacional da Greve tiveram um encontro. (...) Um dos cartazes na rua, aquele mês, mostrava baionetas e a legenda: 'Diálogo?' (...) Naquele dia, tentariam novamente negociar com o governo. O comício para anunciar o plano deveria ser num lugar chamado Tlatelolco.

Edson-repórter de rádio:

Os estudantes não entenderam que uma decisão já fora tomada. O governo concluíra que aqueles estudantes não eram Panchos Villas: — eles eram Zapatas.⁴¹

Lili:

Durante muitos anos, foi difícil dizer se uma pessoa desaparecida fora morta, se estava na prisão ou se unira aos guerrilheiros. Muitos de fato se uniram a grupos de guerrilheiros armados, em áreas rurais. (...)

Flávia:

Não foram encontrados túmulos coletivos com as pessoas mortas em Tlatelolco ou em qualquer dos massacres posteriores. Houve casos de famílias inteiras serem ameaçadas, se persistissem em perguntar sobre um parente desaparecido em 1968. (...)

Vitor:

Famílias não se apresentam em busca de filhos desaparecidos porque recebem telefonemas anônimos dizendo: 'Se falarem alguma coisa, todos os seus outros filhos morrerão'. Entendo. Quando eu era garoto, alguém matou meu pai e me disse que, se eu não ficasse calado, mataria meu irmão mais velho. Então, eu não disse nada.⁴²

Bia:

"Pela primeira vez na história, a tocha olímpica foi acendida por uma mulher, o que foi considerado um progresso

considerável desde a antiga (...) Grécia, quando uma mulher apanhada numa Olimpíada era executada.

Lili:

Não havia mais nenhum sinal do movimento estudantil no México e, se fosse mencionado, o governo simplesmente explicava, num desafio a toda lógica, que o movimento fora uma conspiração comunista internacional tramada pela CIA.”⁴³

Cena 9: Laura na cidade do México

Gus:

“Acostumados como estão a monologar apenas, embriagados por uma retórica grandiosa que os envolve como uma nuvem, nossos presidentes e líderes acham quase impossível acreditar que sequer existam aspirações e opiniões diferentes das suas.”⁴⁴

Flávia:

“Laura Diaz fotografou seu neto Santiago na noite de 2 de outubro de 1968 (...) [na cidade do México]. Fotografava todas as ações do movimento estudantil, desde as primeiras manifestações (...) [até a] marcha do silêncio com 100 mil cidadãos amordaçados (...).

Lili:

– Não adiantaria de nada preveni-lo. Tinha rompido com seus pais e se identificado com sua avó (...) juntos grudaram os ouvidos no chão e ouviram a mesma coisa, o tumulto cego da cidade e do país, a ponto de explodir...

Vitor-Santiago:

– O inferno do México. São inevitáveis o crime, a violência, a corrupção.

Bia-Laura:

– Não fale, filho. Escute. Antes de fotografar, sempre escuto (...).

Flávia:

– Os dois levantaram os rostos da pedra gelada e se olharam (...) Laura soube então que Santiago agiria como agiu, (...)

Bia-Laura:

[eu] não ia lhe dizer você tem mulher, tem filho, não se comprometa (...)

Gus:

– [Santiago] entrava com centenas de jovens mexicanos, homens e mulheres, na Plaza de las Tres Culturas, o antigo cerimonial asteca de Tlatelolco (...).

Bia-Laura:

– [Tudo é velho aqui,] a pirâmide indígena, a igreja de Santiago, o convento e o colégio franciscano, mas também edifícios modernos, a Secretaria de Relações Exteriores, os apartamentos multifamiliares; talvez o mais recente seja o mais velho, porque (...) [é o que resiste menos, já está rachado,] com a tinta descascada, os vidros quebrados, a roupa estendida (...)

Lili:

– Acendiam-se os postes da praça (...) entravam jovens por um lado, dezenas de soldados os cercavam pelos outros lados; apareceram sombras agitadas nos telhados, punhos de luvas brancas se ergueram e Laura fotografou a figura de seu neto Santiago, sua camisa branca, sua estúpida camisa branca como se ele mesmo tivesse pedindo para ser o alvo das balas (...)

Vitor-Santiago:

– vovó não cabemos no futuro (...) eu não caibo no futuro inventado por meu pai (...).

Bia-Laura:

Ainda havia coisas por que lutar nesse México conformado e satisfeito, enganoso e enganador de 1968, ano das Olim-

píadas, obrigada, meu filho, por ensinar-me a diferença entre o vivo e o morto (...)

Lili:

– A comoção na praça foi como um terremoto que derubou o Anjo da Reforma, a câmara de Laura Diaz subiu às estrelas e ela não viu nada, abaixou-se tremendo e deparou-se com o olhar de um soldado olhando-a como uma cicatriz (...) Retiraram Laura da praça a pontapés; retiraram-na não por ser Laura, a fotógrafa (...) não queriam testemunhas, Laura, escondeu, sob as amplas saias, seu rolo de filme dentro da calcinha, junto do sexo, mas ela já não pôde fotografar o cheiro de morte que exalava da praça empapada de sangue jovem, ela já não podia captar o céu escuro de Tlatelolco, ela já não podia registrar o medo difuso do grande cemitério urbano, os gritos, os gemidos, os ecos da morte...

Coro:

– A cidade escurece.

Bia-Laura:

– Para o presidente não eram mortos.

Coro:

Eram desordeiros, subversivos, comunistas, ideólogos da destruição, inimigos da Pátria (...).

Gus:

– Os [jovens] mortos eram singulares: não havia um rosto igual ao outro, nem um corpo idêntico a outro, nem posturas uniformes.

Flávia-narrador:

– Cada bala deixava um florão diferente no peito, a cabeça, a coxa do jovem assassinado, cada sexo de homem um repouso diferente, cada sexo de mulher uma ferida singular (...).

Gus:

– Duas semanas depois, o presidente Gustavo Díaz Ordaz inauguraria os Jogos Olímpicos com um vôo de pombas da paz e um sorriso de satisfação (...)

Lili:

– Quando reconheceram o cadáver de Santiago no necrotério improvisado (...) Laura acariciou os pés do neto e pendurou uma etiqueta no pé direito.”⁴⁵

Cena 10: Auxílio na UNAM.

Gus:

Durante a invasão da UNAM pelo exército, lá estava Auxílio Lacourte:

Bia:

“Agora poderia dizer que presenti 68, que senti seu cheiro nos bares, em fevereiro ou março de 68, mas antes de 68 se transformar realmente em 68. (...) Vi tudo e ao mesmo tempo não vi nada. Entendem? Eu estava na faculdade quando o exército violou a autonomia e entrou no campus para matar todo mundo. Não. Na universidade não houve muitos mortos. Foi em Tlatelolco. (...)

Lili:

Eu estava no banheiro... estava sentada na latrina, com a saia arregaçada, como diz o poema ou a canção, lendo aquelas poesias tão delicadas de Pedro Garfías (...), quem iria imaginar que eu iria estar lendo no banheiro justo no momento em que os granadeiros babacas entravam na universidade. (...)

Flávia:

O que fiz então? O que qualquer pessoa faria: fui à janela, olhei para baixo e vi os soldados, fui à outra janela e vi os tanques, a outra, no fim do corredor, e vi furgões onde estavam metendo os estudantes e professores presos, como numa cena de filme... Então eu disse para mim mesma:

Todas:

fique, aqui, Auxilio. Não deixe que a levem em cana, mulher.

Flávia:

Voltei para o banheiro e, vejam que curioso, não só voltei ao banheiro como voltei à latrina, a mesmíssima que eu estava antes... mas sem nenhuma necessidade fisiológica, com o livro de Pedro Garfias e de repente ouvi barulho de botas? (...)

Bia:

e então eu ouvi uma voz que dizia algo como tudo está em ordem... e alguém, talvez o mesmo cara que tinha falado, abriu a porta do banheiro, entrou, e eu levantei os pés feito uma bailarina de Renoir (...), então eu me vi e vi o soldado que se olhava extasiado no espelho... e depois ouvi suas passadas indo embora. (...) E minhas pernas erguidas, como se decidissem por si mesmas, voltaram à sua antiga posição. Devo ter permanecido assim por umas três horas...

Lili:

A situação era nova, admito, mas sabia o que fazer. (...) Soube que precisava resistir e disse para mim: Auxilio Lacourte, cidadã do Uruguai, latino-americana, poeta e viajante,

Todas:

resista. (...)

Lili:

Se você sair vão prender você (e provavelmente vão te deportar para Montevidéu, porque, evidentemente, você não está com a documentação em ordem, sua boba), vão cuspir em você, vão espancá-la. Decidi resistir. Resistir à fome e à solidão... dormir sentada num trono é muito incômodo. (...)

Flávia:

Acordei congelada e com uma fome dos diabos. (...) Não ado-
eça, Auxílio, disse a mim mesma, beba toda água que quiser,

Todas:

mas não adoeca. (...)

Flávia:

Então perdi a conta de quantos dias estava trancada. (...) Depois comi papel higiênico (...), depois adormeci. Depois acordei. Estava com câibras no corpo todo. Me movimen-
tei lentamente pelo banheiro... ai que cara horrível eu esta-
va (...), depois ouvi vozes. Acho que fazia muito tempo que não ouvia nada. (...)

Lili:

Depois Lupita, a secretária do professor Fombona, abriu a porta e ficamos nos encarando, as duas com a boca aberta, mas sem poder articular nenhuma palavra. De emoção, creio, desmaiei. Quando voltei a abrir os olhos, percebi que estava instalada no escritório do professor Rius (como Rius era bonito e corajoso!), entre amigos, e rostos conhecidos, entre gente da universidade e não entre soldados, e isso me pareceu tão maravilhoso que eu comecei a chorar, incapaz de formular um relato coerente de minha história, apesar da insistência de Rius, que parecia ao mesmo tempo escandalizado e grato pelo que eu tinha feito... A lenda se espalhou ao vento de 68. (...)

Bia:

Ouvi muitas vezes a história, contada por outros, na qual aquela mulher que ficou quinze dias sem comer, trancada num banheiro, é uma estudante da Faculdade de Medicina ou uma secretária da Torre da Reitoria, e não uma uruguaia sem documentos, sem trabalho, sem casa para descansar.

Lili:

Às vezes nem é uma mulher, mas um homem, um estudante maoísta ou um professor com problemas gastrointestinais. E,

quando ouço, essas histórias, essas versões da minha história, geralmente (e sobretudo se não estou de porre) não digo nada. E, se estou de porre, não dou a mínima importância ao caso! Isso não é importante, digo a eles, isso é folclore universitário, então eles olham para mim e dizem:

Vitor e Gus:

Auxílio, você é a mãe da poesia mexicana.

Flávia:

E eu respondo (se estou de porre, grito) que não, que não sou a mãe de ninguém, que, isso sim, conheço todos, todos os jovens poetas, os que nasceram aqui, os que chegaram das províncias, os que a maré trouxe de outros lugares da América Latina, e amo todos eles.⁴⁶

Cena 11: Notícias breves.

Edson-repórter de rádio:

Em 1968 o *The Living Theatre* é expulso do Festival de Avignon, na França; *Roda Viva* é massacrado pelo CCC; Roberto Freire e o Grupo TUCA de teatro são perseguidos pela polícia e a Igreja durante a montagem de *O&A* no Teatro da Universidade Católica de São Paulo.

Salete-repórter de rádio:

Nos EUA é encenado *Hair*; estudantes secundaristas do Brooklin exigem alimentação melhor e dança; os hippies tomam a estação central de Nova Iorque e os negros não dão sossego.

Edson-repórter de rádio:

Os londrinos tingem de vermelho a fonte de Trafalgar Square. Os ecologistas estão cada vez mais presentes alertando contra a eventual morte da Terra.

Flávia:

“Em 1959, nós lutamos contra a polícia numa batalha de rua depois deles terem agredido queers em uma loja de

donuts, em Los Angeles. Em 1966, a brutalidade da polícia contra as bichas da rua no bairro de Tenderloin se transformou: agora eram as bichas batendo nos policiais com suas bolsas. Em 1969, uma batida policial aparentemente comum em [Stonewall] um bar queer de Nova York irrompeu quatro dias de revolta.”⁴⁷

Salete-repórter de rádio:

As Mulheres Radicais de Nova Iorque atiram "dentro de uma lata de lixo, rotulada de 'lata de lixo da liberdade', cintas, sutiãs, cílios postiços, onduladores de cabelos e outros 'produtos de beleza". E bradam:

Todas:

"Liberdade para as Mulheres!"⁴⁸

Edson-repórter de rádio:

“Não eram só palavras, pronunciamentos, movimentações de confrontos com o Estado e seus governos, mas também contra o individualismo dos pequenos Estados. 68 mexia com o pensamento, com as práticas, o sexo e com a vida cotidiana de quem queria se mexer.”⁴⁹

Salete-repórter de rádio:

Para muitos estadunidenses permanecia inesquecível a estúpida execução na câmara de gás em 1960 no estado da Califórnia, de Caryl Chessman — também identificado pelas mídias como O bandido da Luz Vermelha —, que raptara duas mulheres e as forçara a manter sexo oral.

Edson-repórter de rádio:

Muitos não esqueceram que “em 1950, a Alemanha Ocidental, com a aprovação dos Estados Unidos e dos Aliados, declarou uma anistia para nazistas de baixos escalões. Na Alemanha Oriental, 85 por cento de juízes, promotores e advogados foram excluídos do foro judicial por causa dos seus passados nazistas e a maioria deles reiniciou sua profissão legal na Alemanha Ocidental, qualificando-se para a anistia. Na Alemanha Oriental, escolas, ferrovias e correios

68: invenções e resistências

foram expurgados de nazistas. Esses alemães também puderam continuar suas carreiras na Alemanha Ocidental.”⁵⁰

Salete-repórter de rádio:

Guerra civil na Nigéria entre os Ibo e o grupo dirigente, na região chamada Biafra (onde estava o petróleo). A Nigéria era um país rico em petróleo e que acabara de conquistar a independência.

Edson-repórter de rádio:

Em maio, o governo da Nigéria destruiu Port Harcourt e cercou Biafra. O confronto desde o início foi desigual. Do lado de Biafra 25.000 homens, mulheres e crianças. Do lado da Nigéria, 100 mil soldados. Os biafreses alertaram ao mundo que o ataque haussás — a tribo dominante —, a escolas, hospitais e igrejas era na verdade um genocídio. O que chamou a atenção do ocidente para o genocídio não foi o número de mortos por projéteis, mas o de cadáveres resultantes da fome. *Kwashiorkor* era o nome da falta de proteínas que em agosto de 68 matava de 1.500 a 40.000 biafreses por semana, sobretudo crianças.

Salete-repórter de rádio:

“O governo norte-americano disse aos repórteres que era inútil ajudar Biafra, porque não poderiam permitir-se dar ao mundo subdesenvolvido a impressão de que estavam interferindo na guerra civil africana.”⁵¹

Edson-repórter de rádio:

Na Espanha, muitos jovens permaneciam atentos às violências de Francisco Franco e suas glorificações como mandar rezar missa para Hitler. Em 68, jogavam pedras nas autoridades e bradavam:

Todos:

“Liberdade” e “Morte a Franco!”.

Edson-repórter de rádio:

No dia de seu aniversário de 70 anos o ditador recebeu dos estudantes um cartaz que dizia:

Todos:

“Franco assassino, feliz aniversário!”

Salete-repórter de rádio:

“Primeiro transplante de coração na Cidade do Cabo (África do Sul) por Christiaan Barnard, considerado bem-sucedido (dos 3 realizados até o momento). [O coração de um negro de 24 anos foi transplantado em um dentista branco de 58 anos.] (...) Questionou-se se o médico poderia determinar quem está condenado.

Edson-repórter de rádio:

A controvérsia não foi amenizada por Barnard, que disse, numa entrevista a *Paris Match*: ‘Obviamente, se eu tivesse de escolher entre dois pacientes com a mesma necessidade e um deles fosse um idiota congênito e o outro um gênio da matemática, eu escolheria o segundo’.⁵²

Bia:

Nesta década, quando os estudantes liam muito, alguns escritores foram decisivos: Albert Camus, com o ensaio *A morte de Sísifo* e o romance *A peste*; Herbert Marcuse e o seu *O homem unidimensional*; *Os condenados da Terra*, do psiquiatra Frantz Fanon, nascido na Martinica; o *Listen Yankee*, de Charles Wright Mills, e muitos anarquistas.

Lili:

“Aquele 68 que revolveu costumes estava sintonizado com as práticas anarquistas de amor livre, cultura livre e educação livre;

Vitor:

aversão às autoridades hierarquizadas, condutores de consciência, maestros, catedráticos, famílias falocêntricas, juízes

das condutas, opondo-lhes atitudes surpreendentes e inconfessáveis.

Flávia:

Enunciavam o insuportável e o enfrentavam como incógnitos, anônimos, pessoas comuns.

Gus:

A rebeldia e a revolta tomavam os espaços contra a guerra permanente como revolução permanente, como já sinalizara Proudhon no século anterior. A revolução era e é constitutiva de nossas vidas, não é um conceito, uma palavra a ser banida ou redimensionada, está no calor dos acontecimentos.”⁵³

Edson-repórter de rádio:

O poeta Allen Ginsberg, também estava entre os escritores lidos pelos jovens em 68. Para além da poesia, no final dos anos 1960 esteve ao lado de Timothy Leary na divulgação de experimentações com o LSD e como figura emblemática nos protestos na Guerra contra o Vietnã.

Salete-repórter de rádio:

Contudo, “uma das visitas com menor repercussão de Allen Ginsberg foi em Cuba, onde ele ficou favoravelmente impressionado com o que encontrou. Ele escreveu o seguinte, sobre sua chegada, no início de 1965:

Gus:

‘A futilidade Marxista Histórica Revolucionária com toques wagnerianos animou meu coração.’”⁵⁴

Edson-repórter de rádio:

Mas a “revolução rapidamente se cansou de suas pregações. Haydée Santamaría disse-lhe (...):

Bia:

[você pode] até discutir drogas e homossexualismo com altas autoridades, mas não deixar[emos que você] (..) espalh[e] essas ideias para a população em geral. (...)

Edson-repórter de rádio:

Ginsberg ficou impressionado com a experiência cubana da construção de uma nova sociedade. Mas os cubanos não ficaram impressionados com Ginsberg. (...)

Salete-repórter de rádio:

Uma autoridade do governo, com três guardas uniformizados, disse-lhe que fizesse as malas e o colocaram no próximo avião para o exterior que, por acaso, ia para a Checoslováquia, outro país de onde ele logo seria expulso”⁵⁵, depois de ter sido coroado o Rei de Maio durante o 1º de maio em Praga daquele mesmo 1965.

Edson-repórter de rádio:

Mais tarde escreveria:

Gus:

“E os Comunistas não têm mais nada a oferecer a não ser bochechas gordas e óculos e policiais mentirosos e os Capitalistas oferecem Napalm e dinheiro em valises verdes aos Nus...”⁵⁶

Bia:

“Antes, os artistas eram marginalizados. Hoje, nós os propositores, estamos muito bem colocados no mundo. Conseguimos sobreviver — apenas propondo. Há um lugar para nós na sociedade. Há um outro tipo de pessoas que prepara o que vai acontecer, outros precursores. A eles, a sociedade continua a marginalizar. No Brasil, quando houve uma briga com a polícia e eu vi um jovem de dezessete anos ser assassinado (coloquei sua foto na parede de meu atelier), tomei consciência de que ele cavou com seu corpo um lugar para as gerações posteriores. Esses jovens têm a mesma atitude existencial que

nós [artistas-propositores]: lançam processos dos quais não conhecem o fim, abrem caminho onde a saída é desconhecida. Mas (...) [a] sociedade é maior e ela os mata. É porque eles atuam mais do que nós. (...) São incendiários. São eles que fazem balançar o mundo. Quanto a nós, [os artistas] às vezes me pergunto se não estamos um pouco domesticados.⁷⁵⁷

Cena 12: Cultura asfixiante

Lili:

Há uma “arte dos que são separados da sociedade e da cultura no seu sentido mais amplo (ou estrito), os eximidos do convívio com os demais. São os internos de asilos, hospícios, clínicas, prisões, casas de reabilitação, estes tristes lugares de onde não se sai e, se for possível sair, não será como se entrou. Faltará algo que foi perdido para sempre. É esta arte que Jean Dubuffet denominou de Arte Bruta, e que pode ser entendida como resultado da recusa à *cultura asfixiante*, nome que deu ao seu texto manifesto publicado em 1968.

Gus:

‘Sou um individualista, ou seja, considero que meu papel de indivíduo é o de me opor a toda compulsão ocasionada pelo interesse do bem social. Os interesses do indivíduo são opostos aos do bem social. Querendo servir a ambos ao mesmo tempo, só se desemboca em hipocrisia e confusão. Se o Estado vela pelo bem social, eu devo velar pelo do indivíduo. Do Estado só conheço uma cara: a de polícia. Todos os departamentos dos ministérios de Estado têm, aos meus olhos, um só rosto e somente posso imaginar o ministério da cultura como a polícia da cultura, com seu prefeito e seus comissários. Figura que me é extremamente hostil e repugnante.’

Flávia:

Os autores da Arte Bruta são marginais refratários ao adestramento educativo e ao condicionamento cultural, entrenchados numa posição de espírito rebelde a qualquer

norma e a qualquer valor coletivo. Não querem receber nada da cultura, nem querem nada lhe dar. Não aspiram comunicar-se, em todo caso não segundo os procedimentos mercadológicos e publicitários próprios do sistema de difusão da arte.”⁵⁸

Lili:

“A obra é pois vista pelo seu autor como um suporte alucinatório; é da loucura que se deve falar, porquanto se isente o termo de suas conotações patológicas. O processo criativo escapa assim imprevisivelmente de um episódio psicótico, articulando-se segundo sua lógica própria, como uma língua inventada. Aliás, quando os autores da Arte Bruta também se exprimem pela escrita, é acomodando a gramática e a ortográfica aos seus ânimos.”⁵⁹

Flávia:

“A cultura asfixiante cumpre sua função: está acabando com a possibilidade de respirar”.⁶⁰

Salete:

“Caro Antonin Artaud,
Habituei-me, evitando os intermediários folgazões, a pensar em você, no desconhecido e na falta de propósito. Assim se mantêm intactos a ligação que tenho por sua obra e o afeto que sinto por sua pessoa. As circunstâncias me ensinaram a *economia* de raríssimos vulcões e também do poder de evaporação de tudo o que tem preço, por pouco que se queira apreendê-lo. Eu verei, doravante, quebrando o crânio dos relógios, o apocalipse de Van Gogh se universalizar por seu intermédio. Sua charrua ara esse mundo perdido, ergue e devolve ao seu curso apaixonado os inextinguíveis meteoros que os carrascos de sempre tentam enterrar em seu estrume. Obrigado ainda, Antonin Artaud, por viver no fogo de trigais. René Char.”⁶¹

Cena 13: Polônia

Edson-repórter de rádio:

Na Polônia, “em 11 de março, milhares de estudantes marcharam para o centro de Varsóvia e foram até a frente da fachada cinzenta, totalitária, *art déco* do quartel-general do Partido Comunista polonês.

Lili:

Ali, com autoridades do Partido olhando para baixo, de um terraço no sexto andar, a polícia novamente apareceu e bateu nos jovens com grossos bastões, derrubando-os no chão com murros, espancando-os até sangrarem e arrastando-os para longe. Alguns reagiram lutando, atirando entulho na polícia. O combate demorou duas horas.

Vitor:

Os poucos milhares de manifestantes eram um pequeno número (...) para protestar contra a Guerra do Vietnã, mas para um país do bloco soviético era uma ocorrência surpreendente, noticiada em primeira página no mundo inteiro.

Salete-repórter de rádio:

Do lado de fora do *campus* universitário, os caminhões cheios de homens em trajes civis que chegaram foram saudados pelos manifestantes com gritos de

Todos:

‘[Fora] Gestapo!’.

Salete-repórter de rádio:

Em 1968, era difícil ocorrer uma manifestação, de Varsóvia a Berlim, a Paris, a Chicago e à Cidade do México, cujos participantes não comparassem a polícia aos membros das tropas de assalto da Alemanha nazista.

Flávia:

Em Varsóvia, essas tropas de choque em trajes civis, que chegavam de caminhão, as que os estudantes chamavam

de Gestapo, eram frequentemente a milícia dos operários, aos quais fora dito que os manifestantes estudantis eram garotos privilegiados, que moravam nos melhores apartamentos e viajavam para Paris, coisas que, de forma geral, eram verdadeiras.

Gus:

Embora houvesse abundantes relatos de que trabalhadores se recusavam a entrar nos caminhões e se negavam a participar do combate às manifestações, lançar os operários contra os estudantes era uma estratégia bem-sucedida do governo.

Bia:

Em 11 de março, antes de o dia terminar, estudantes e milicianos já haviam combatido por quase oito horas nas ruas de Varsóvia. O governo fechou as fábricas cedo, para que os operários fizessem manifestações contrárias, denunciando os estudantes como ‘quinta-colunas’.

Edson-repórter de rádio:

Sabia-se bem que, nos Estados Unidos, os manifestantes contra a guerra gritavam para o povo: ‘Juntem-se a nós!’ Os estudantes de Gdansk não tiveram mais sorte com os operários do que os estudantes de Washington com a Guarda Nacional. Em Poznan, os estudantes gritaram:

Todos:

‘Um viva para os operários de Poznan!’,

Edson-repórter de rádio:

mas lá também os operários não aderiram ao movimento.”⁶²

Cena 14: Eleições em 1968

Vitor:

“No Haiti, [no] Caribe, era o décimo-primeiro ano de governo de François Duvalier, o pequeno médico rural, amigo do negro pobre, que se tornara um assassino em massa.

Numa entrevista coletiva à imprensa, em meados do ano, ele fez um sermão para os jornalistas: ‘Espero que a evolução da democracia, que vocês observaram no Haiti, sirva de exemplo para os povos do mundo, em particular para os Estados Unidos, com relação aos direitos civis e políticos dos negros.’”⁶³

Gus:

“1968 foi um ano de uma série de eleições nacionais ou locais na Europa, e nas Américas. Entre eleições diretas e ditaduras, prevaleceu o governo conservador de militares e dos democratas-cristãos.”⁶⁴

Edson-repórter de rádio:

Na França, depois dos levantes de maio, venceu o conservador da União Democrática para a República, e elegeu o Primeiro Ministro Georges Pompidou, com campanha apoiada pela *maioria silenciosa*; na Itália, a Democracia Cristã; na Bélgica, o Partido Social Cristão; em Luxemburgo, o Partido Popular Social Cristão; nos EUA, o republicano cristão, Richard Nixon; na Venezuela, Rafael Caldera, do Partido Social Cristão; e, em El Salvador, os conservadores do Partido da Conciliação Nacional.

Salete-repórter de rádio:

Em Portugal e na Espanha, seguiam as ditaduras: a salazarista, agora com Marcelo Caetano, e a franquista; assim como na América do Sul militares com apoio civil governavam no Paraguai, no Peru e no Brasil.

Flávia:

“As explosões rebeldes de 1968 conviveram com a propagação conservadora institucional. A população de bem, cristã, bem comportada e bem conformada mostrou que diante de ebulições inventivas, Deus e o Estado devem assegurar a paz em sua mortificação, ainda que sobre carnificinas silenciosas.”⁶⁵

Cena 15: China, Cuba e o purismo

Gus:

“A China também teve sua geração de 1968, os primeiros chineses nascidos e criados na revolução, e, como o resto do mundo, eles se inclinavam para a esquerda. Na Revolução Cultural, foram os paladinos de Mao, liberados de suas escolas para serem a ‘Guarda Vermelha’ de vanguarda, como foram rotulados em maio de 1966 por estudantes radicais da Universidade Qinghua. O propósito declarado de Mao era combater a insinuante mentalidade burguesa. (...) Os chineses pareciam determinados a não deixar sua revolução descer para a venalidade e a hipocrisia dos soviéticos. (...)

Bia:

Os líderes cubanos estavam intrigados com o esforço (...) [da China de Mao e seu livrinho vermelho] para purificar sua revolução. A pureza revolucionária sempre fora um assunto favorito do martirizado Che, que se opusera veementemente a todos os incentivos financeiros, porque temia que corrompessem a revolução. Castro era mais pragmático e este desacordo, junto ao fato de que a verdadeira revolução estava terminada, levou à decisão de Che de renunciar ao governo e partir para outra revolução.

Flávia:

Castro declarara que 1968 era ‘o ano do *guerrillero* heróico’.⁶⁶ Che havia sido assassinado na Bolívia, em 9 de outubro de 1967.

Vitor:

Se a recusa da guerra do Vietnã apareceu em todos os movimentos de 68 nos Estados Unidos e na Europa deflagrando as revoltas, na América Latina a Revolução Cubana foi o estopim de quase tudo.

Gus:

“apesar de serem de ‘esquerda’ — dizer que [os estudantes] são revolucionários é uma coisa, agirem como reacionários é outra

e mais real, pois é o modo como se manifestam: isso não é novidade, acontece todos os dias. O símbolo de Guevara parece ter sido absorvido pela classe dominante e passa a ser também instrumento deles, numa forma qualquer de liberalismo.”⁶⁵

Cena 16: Vincennes, a novidade!

Bia:

“[Pressionado, o] governo francês [cria] o Centro Universitário Experimental de Vincennes. (...) [Para esse local] bem específico [foram] as energias contestadoras e revolucionárias dos estudantes que pretendiam abolir o capitalismo e o Estado. (...)”

Lili:

[Subsidia] uma adesão massiva por parte de estudantes e sobretudo de professores (...) ansiosos por refletir e analisar variadíssimas temáticas (...) passíveis de estruturar a emancipação social do proletariado que (...) [aderia] massivamente a esta experiência universitária.

Vitor:

[Houve a] inscrição maciça de estudantes que tinham participado no Maio de 1968 (...) foi permitido o acesso direto de trabalhadores que tinham mais de 25 anos e não possuíam o ensino secundário completo. (...)”

Salete-repórter de rádio:

A experiência da Universidade de Vincennes-Paris VIII como consequência direta do Maio de 1968 na França, se teve um conteúdo revolucionário efetivo, foi, sem dúvida, nas (...) relações hierárquicas baseadas na autoridade formal [que] foram quase sempre abolidas;

Edson-repórter de rádio:

a transmissão de conhecimentos deu lugar a uma aprendizagem generalizada entre ambos e, ao mesmo tempo, a democracia direta e a autogestão eram atributos dos professores e estudantes.

Flávia:

Os exames e testes foram abolidos, (...) [e] a avaliação de cada disciplina era outorgada pela presença física e discussão de textos.”⁶⁸

Cena 17: miscelânea

Vitor:

A universidade de “Colúmbia se tornara, para [os] estudantes, um centro revolucionário. Estudantes e líderes estudantis de outras universidades e até de escolas secundárias apareceram para manifestar seu apoio. Um número cada vez maior de pessoas do Harlem, tanto grupos organizados quanto indivíduos, chegaram ao *campus* e fizeram grandes manifestações. Stokely Carmichael e H. Rap Brown foram até Hamilton Hall, agora rebatizado como Universidade Malcolm X. Os jovens do Harlem chegaram ao *campus* gritando [Black Power] ‘Poder Negro!’ Era o pesadelo [para o reitor] Grayson Kirk.”⁶⁹ Em 4 de abril de 1968 Martin Luther King Jr. fora assassinado.

Flávia:

E Ângela Davis já era Professora de Filosofia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

Bia:

“Em 1968, a Life classificou a nova música rock como ‘a primeira música nascida na era da comunicação instantânea’. Em junho de 1967, os Beatles realizaram a primeira transmissão internacional ao vivo, por satélite, de um show.”⁷⁰ Antigamente os prazeres da carne eram comida, bebida e sexo, a partir de 68, sexo, drogas e rock 'n' roll.

Flávia:

Inovações na tecnologia da TV mudaram os noticiários: o videotape (barato porque NÃO precisa ser processado antes da transmissão) e o satélite. (...)

Bia:

Os primeiros satélites, como o Early Bird, não eram *geoestacionários* — não mantinham sua posição relativa à Terra — e, por causa disso, só podiam receber transmissão de qualquer ponto da Terra em certas horas do dia.”⁷¹

Flávia:

“Se outra geração de 1968 for, algum dia, novamente produzida, seus movimentos terão todos sites na Web, e eles serão cuidadosamente monitorados pelas forças da lei, (...) a fim de se atualizarem. E não resta dúvida de que outros instrumentos serão inventados. Mas até a ideia de novas invenções tornou-se banal.”⁷²

Cena 18: Outros espaços

Lili:

“NUNCA EXPLIQUE O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO. Isto desperdiça muito tempo e raramente consegue êxito. Mostre-lhes por meio de sua ação e, se não entenderem, fodam-se, talvez você consiga atraí-los com a próxima ação. ABBIE Hoffman⁷³

Gus-Burroughs:

“Cito a seguinte frase tirada do jornal *London Express*, de 30 de dezembro de 1968: ‘Se você for um jovem com menos de 25 anos de idade, em forma e com reflexos precisos, que não tem medo de nada, tanto do céu quanto da terra, e tem grande entusiasmo por aventuras, não hesite em se candidatar à vaga de astronauta.’ [Espaço é a nova fronteira? Seria esta a fronteira aberta aos jovens?] Dr. Paine, do Centro Espacial de Houston, Texas:

Vitor:

Este voo [Apollo 8] foi um triunfo para os *caretões* desse mundo, que não são *hippies*, que trabalham com régua e cálculo e que não têm vergonha de fazerem uma oração de vez em quando.

Gus-Burroughs:

É esta a grande aventura do espaço? São estes homens que vão dar os passos em regiões literalmente impensáveis em termos verbais? Para viajar no espaço é preciso deixar para trás o velho lixo verbal: o discurso de deus, o discurso da pátria, o discurso da mãe, o discurso do amor, o discurso do partido. É preciso aprender a existir sem religião, sem pátria, sem aliados. É preciso aprender a viver sozinho e em silêncio. Alguém que reza no espaço não está lá.⁷⁴

Cena 19: A na bola

Flávia:

“Ao chegar a Paris meu propósito era o de ajudar na aproximação entre os diversos grupos e tendências em que se fragmentava o reduzido movimento anarquista, o que me levou a sugerir iniciativas (...) [aos] mais jovens (...)

Vitor:

uma forma de propiciar uma confluência consistia em encontrar um denominador comum que (...) pudesse constituir um ponto de coincidência (...)

Flávia:

multiplicar a presença notada do movimento anarquista pelo simples fato da repetida aparição deste denominador comum nas expressões públicas (...) dos diferentes coletivos anarquistas [pasquins, pichações, etc.].

Vitor:

Propus esta ideia a um dos grupos que pertencia, insistindo que deveria ser um símbolo que fosse fácil e rápido de desenhar, e que evocasse o anarquismo de forma suficientemente direta.

Flávia:

A proposta foi aceita, nos lançamos a uma profusão de ideias e a altas horas da noite concordamos que um ‘A’ em um círculo poderia ser um bom logotipo. Foi assim que

em abril de 1964, saía na página inteira do nº 48 de nosso boletim “Jeunes Libertaires”, [o] primeir[o] ‘A’ n[a bola].

Vitor:

Acompanhava um editorial no qual se explicava o sentido da proposta e se convidava todos os grupos anarquistas a se apropriarem desse símbolo. Na realidade apenas havíamos criado uma imagem e formulado uma proposta, não havíamos criado um símbolo (...)

Flávia:

[O ‘A’ na bola se tornaria] em um símbolo do anarquismo mediante a ação de milhares de mãos que a pintariam nas ruas do mundo; trata-se de uma criação coletiva maciça cuja paternidade não pertence a ninguém.”⁷⁵

Cena 20: Curso Livre

Gus:

O Curso Livre de Anarquismo no Rio de Janeiro “talvez tenha sido a atividade pública que tenha suscitado o maior interesse e colhido de surpresa os ambientes universitários, a opinião pública, bem como os serviços de polícia. Tratou-se de um desafio aberto à ditadura, pois o rótulo 'anarquismo' reaparecia abertamente e com bastante evidência em um cartaz de grandes dimensões afixado nos quadros murais de todas as faculdades (...) e das escolas particulares mais importantes (...)

Lili:

As prisões ocorreram durante o mês de outubro de 1969, (...) um ano após a conclusão do curso no Teatro Carioca. Estava previsto e cada um de nós tinha se preparado para isso (pelo menos, foi assim que pensávamos). (...)

Vitor:

Minha prisão ocorreu no Dia dos Professores, 15 de outubro de 1969. Fui levado ao Quartel Geral da Aeronáutica

Militar no Galeão, junto com o professor [e anarquista] Roberto das Neves.

Flávia:

Os outros foram presos em dias diferentes resultando num total de dezesseis militantes, todos anarquistas menos um. A acusação era de atividades subversivas, de complô contra o governo, de fabricação de explosivos, de formação de guerrilhas, de financiamentos ilícitos de proveniência estrangeira e assim por diante. (...)

Vitor:

Fomos soltos depois de três ou quatro dias, alguns só depois de um mês, porém fomos todos denunciados.”⁷⁶

Gus:

“Os acontecimentos na França, na Tchecoslováquia, a publicidade de nosso curso no Teatro Carioca, artigos no Jornal do Brasil, a propaganda do Movimento Estudantil Libertário, tudo contribuiu a criar um clima favorável à difusão do anarquismo no Rio de Janeiro. A edição prevista pela Editora Germinal [do livro de Daniel Guérin, *O anarquismo*] esgotou rapidamente.”⁷⁷

Cena 21: Enfim...

Salete:

“Em 68 foram muitos os audaciosos enfrentando o insuportável com forças e atitudes, até mesmo com o ideal de revolução herdado da Revolução Francesa, da Revolução Russa, Chinesa e Cubana.

Edson:

Não esperavam que esse guia revolucionário, tido e visto em progresso ou evolução, seria ultimamente substituído pelo ideal da independência estadunidense: a democracia.

Bia:

E o que esta palavra, prática e diversidade comportaram naquele momento e nos seguintes, também se viu reduzido a uma nova uniformidade como democracia representativa, participativa, pública, enfim, uma democracia de governo do Estado e das relações (...).⁷⁸

Lili:

O 68 também trouxe uma nova leitura sobre o direito penal, o sistema penal, as penalizações e punições pelo *militantismo* abolicionista penal.

Flávia:

Movimento e outra linguagem para lidar com situações problemáticas contestando a particularidade do universalismo do direito penal, o funcionamento e o alto custo dos encarceramentos, propondo uma nova maneira de abordar cada situação problemática como singularidade.⁷⁹

Vitor:

“68 foi um ano libertário para negros, mulheres, bichas, jovens, operários, estudantes, pesquisadores e aqueles que decidiram contestar a ordem do socialismo autoritário, das guerras imperialistas, das ditaduras, dos fascismos, das megalópoles, dos colonialismos, da vida urbana consumista...

Gus:

[68] produzi[u] um *militantismo*, uma atitude de vida que se afasta da instituição da sociedade. Tudo, ou quase tudo se desarranjou. Desafiaram e levaram a cabo um basta ao estabelecido, ao convencional.⁸⁰

Coro:

“Libertem todos os prisioneiros políticos
 Libertem todos os prisioneiros políticos
 Todos os presos são prisioneiros políticos
 Todo maconheiro fuma um prisioneiro político
 Todo assaltante um prisioneiro político
 Todo falsário um prisioneiro político

Toda criança furiosa que quebra uma janela uma prisioneira política
Toda puta, cafetão, assassino, um prisioneiro político
Todo pederasta, traficante, motorista bêbado, ladrão caçador, grevista, fura-greve, estuprador
Urso polar no Zoológico de São Francisco, prisioneiro político
Sábua tartaruga secular no Aquário de Detroit, prisioneira política
Flamingos morrendo no parque turístico de Phoenix, prisioneiros políticos
Lontras no Museu do Deserto de Tucson, prisioneiras políticas
(...)
Toda criança na escola uma prisioneira política
Todo advogado em seu cubículo um prisioneiro político
(...)
Toda dona de casa uma prisioneira política
Todo professor mentindo na cara dura um prisioneiro político
Todo indígena em reserva um prisioneiro político
Todo negro um prisioneiro político
Toda bicha escondendo-se no bar um prisioneiro político
Todo viciado injetando no banheiro um prisioneiro político
Toda mulher uma prisioneira política
Toda mulher uma prisioneira política
Você prisioneiro político preso a um corpo tenso
Você prisioneiro político preso a uma mente rígida
Você prisioneiro político preso aos seus pais
Você prisioneiro político preso ao seu passado
Liberte-se (...)”⁸¹

FIM

Notas

¹ Aula-teatro 24 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Salette Oliveira, Sofia Osório, Thiago Rodrigues e Vitor Osório. Com: Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Salette Oliveira e Vitor Osório. Coordenação de Edson Passetti.

² Hilda Hilst. *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo, Globo, 2005, epígrafe.

³ William Burroughs. “The Coming of the Purple Better One” in *Esquire*, novembro de 1968. Apud Mark Kurlansky. *68: ano que abalou o mundo*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro, José Olympio, 2005. p. 11.

⁴ Diane di Prima. “Revolutionary letter #19” in *Revolutionary Letters*. San Francisco, Last Gasp Press, 2004. Versão publicada em 2004, sem permissão, baseada na 3ª edição da *City Lights* [San Francisco, City Lights Books, 1974]. Tradução de Eliane K. Carvalho.

⁵ William Burroughs apud Mark Kurlansky, 2005, op. cit., p. 355.

⁶ Roberto Freire. “Sem paixão não se faz revolução” in *Libertárias*, São Paulo, 2000, n. 6, p. 69.

⁷ Salette Oliveira, “Paixão, a incontível revolta” in *Libertárias*, São Paulo, 2000, n. 6, p. 53.

⁸ Beatriz Carneiro. “um dossiê 1968” in *Revista verve*, São Paulo, Nu-Sol, 2008, v. 14, pp. 15-24.

⁹ Zuenir Ventura. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 136.

¹⁰ *Ibidem*, p. 139, apud *idem*.

¹¹ Edson Passetti e Gustavo Simões. “68 e os andarilhos” in *Revista Direito Práxis*, Rio de Janeiro, 2018, vol. 9, n. 2, p. 996. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/33902>.

¹² Mark Kurlansky, op. cit., p. 289.

¹³ *Ibidem*, p. 305.

¹⁴ José Maria Carvalho Ferreira. “Anarquia e o maio de 1968 na França” in *Revista verve*, São Paulo, Nu-Sol, v. 33, 2018, pp. 25-28. Disponível em: http://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-33/.

- ¹⁵ Ibidem, pp. 30-31.
- ¹⁶ Mark Kurlansky, op. cit., p. 46.
- ¹⁷ Ibidem, p. 49.
- ¹⁸ Ibidem, p. 53.
- ¹⁹ Ibidem, p. 59.
- ²⁰ Ibidem, p. 64.
- ²¹ Ibidem, p. 380-381
- ²² Ibidem, p. 383.
- ²³ Ibidem, p. 391.
- ²⁴ Ibidem, p. 87.
- ²⁵ Ibidem, pp. 119-120.
- ²⁶ Ibidem, p. 120.
- ²⁷ Ibidem, p. 31.
- ²⁸ Eduardo Valladares, “1968, um ano apaixonado” in *Libertárias*, São Paulo, 2000, n. 6, p. 44.
- ²⁹ Mark Kurlansky, op. cit., p. 427.
- ³⁰ Ibidem, p. 454.
- ³² Ibidem, p. 456.
- ³² Norman Mailer. *A luta*. Tradução de Cláudio Weber Abramo. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 92.
- ³³ Philip Roth. *Pastoral Americana*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo, Companhia das Letras, 2013, p. 108.
- ³⁴ Ibidem, pp. 110-111.
- ³⁵ Edson Passetti e Gustavo Simões, op. cit., p. 1003.
- ³⁶ Mark Kurlansky, op. cit., p. 422.
- ³⁷ Ibidem, p. 427.
- ³⁸ Ibidem, pp. 430-431.
- ³⁹ Ibidem, pp. 437-438.
- ⁴⁰ Ibidem, p. 440.

- ⁴¹ Ibidem, pp. 442-443.
- ⁴² Ibidem, pp. 446-447.
- ⁴³ Ibidem, p. 454.
- ⁴⁴ Octavio Paz apud Mark Kurlansky, op. cit., pp. 421-422.
- ⁴⁵ Carlos Fuentes. *Em 68: Paris, Praga e México*. Tradução de Ebréia de Castro Alves. Rio de Janeiro, Rocco, 2005, pp. 145-156.
- ⁴⁶ Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, pp. 194-203.
- ⁴⁷ “Nothing Is The Only Thing Worth Keeping Of This World That Wants Us Dead”, June 27, 2010 in Fray Baroque e Tegan Eanelli. *Queer Ultra Violence: a Bash Back! Anthology*. San Francisco, Ardent Press, 2011, p. 40. Tradução de Flávia Lucchesi.
- ⁴⁸ Mark Kurlansky, op. cit., p. 402.
- ⁴⁹ Edson Passetti e Gustavo Simões, op. cit., p. 1004.
- ⁵⁰ Mark Kurlansky, op. cit., pp. 194.
- ⁵¹ Ibidem, pp. 338-339 e 342.
- ⁵² Ibidem, p. 43.
- ⁵³ Edson Passetti e Gustavo Simões, op. cit., p. 1009.
- ⁵⁴ Mark Kurlansky, op. cit., p. 225.
- ⁵⁵ Idem, pp. 226-227.
- ⁵⁶ Ibidem, p. 125.
- ⁵⁷ Manuel Borja-Villel; Nuria E. Mayo, Lygia Clark. *Catálogo de exposição-Paço Imperial Rio de Janeiro*. Barcelona, Fundación Antoni Tàpies, 1998, p. 233.
- ⁵⁸ Dorothea Voegeli Passetti. “a atualidade de dubuffet: cultura asfíxica” in *Revista verve*. São Paulo, Nu-Sol, 2009, vol. 16, p. 152. Disponível em: http://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-16/.
- ⁵⁹ Ibidem, p. 157.
- ⁶⁰ Ibidem, p. 161.
- ⁶¹ René Char. “Carta inédita a Antonin Artaud”, 19 de janeiro de 1948. Documento/ Biblioteca Nacional da França (BNF) in Florence de Méredieu. *Eis Antonin Artaud*. Tradução de Isa Kopelman. São Paulo, Editora Perspectiva, 2011, pp. 965-966.

- ⁶² Mark Kurlansky, op. cit., p. 166.
- ⁶³ Ibidem, p. 335.
- ⁶⁴ Nu-Sol. *hypomnemata 201*. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol, maio de 2018. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-201/>
- ⁶⁵ Ibidem.
- ⁶⁶ Mark Kurlansky, op. cit., pp. 227-228.
- ⁶⁷ Hélio Oiticica. “A trama da terra que treme”, setembro 1968, documento datilografado.
- ⁶⁸ José Maria Carvalho Ferreira, op. cit., pp. 36-38.
- ⁶⁹ Mark Kurlansky, op. cit., pp. 227.
- ⁷⁰ Ibidem, p. 240.
- ⁷¹ Ibidem, pp. 68-70.
- ⁷² Ibidem, p. 16.
- ⁷³ Abbie Hoffman. “Revolution for the Hell of It” apud Mark Kurlansky, op. cit., p. 235.
- ⁷⁴ William Burroughs in Daniel Odier. *The job*. London, Penguin, 2008, p. 21. Tradução de Beatriz Carneiro.
- ⁷⁵ Tomás Ibañez. “Anarquismo como catapulta”. Entrevista a Lobo Suelto, 2017. Disponível em: <http://lobosuelto.com/?p=7543>
- ⁷⁶ Pietro Ferrua. “a breve existência da seção brasileira do centro internacional de pesquisas sobre o anarquismo [1ª parte]” in *Revista verve*. São Paulo, Nu-Sol, 2009, v. 15, pp. 140-146. Disponível em: http://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-15/
- ⁷⁷ Ibidem, p. 155.
- ⁷⁸ Edson Passetti e Gustavo Simões, op. cit., p. 994.
- ⁷⁹ Edson Passetti. “Mortos e mortificações: da política das condutas à atitude vital” in *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, 2018, n. 12, p. 393.
- ⁸⁰ Idem, p. 393.
- ⁸¹ Diane di Prima. “Revolutionary letter #63” in Diane Di Prima, op. cit..

68: *inventions and resistances*, Edson Passetti & Gustavo Simões.



aula-teatro 24

**16 e 17 de outubro de 2018
19h30 -- tucaarena, puc-sp**

[retirada de ingressos às 18h30]

invenções e

resistências

68